

# Ação Integralista Brasileira teve cinco anos de legalidade

Da Reportagem Local

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi fundada oficialmente como partido político em 7 de outubro de 1932, pelo "chefe nacional" Plínio Salgado, e dissolvida por decreto de Getúlio Vargas a 3 de dezembro de 1937.

As raízes do movimento estão nos meados da década de 20 — uma das primeiras referências é o romance "O Estrangeiro", de Plínio Salgado, publicado em 1926. Mas é em 32 que o movimento começa a se cristalizar: Salgado funda em março a Sociedade de Estudos Políticos, gema e clara da AIB. Como naquele mês eclode a Revolução Constitucionalista, o movimento teve seu lançamento oficial adiado até a publicação, em outubro, do "Manifesto", enviado a intelectuais, sobretudo os ligados à Igreja, aos políticos e à sociedade paulista.

A partir daí, o integralismo obteve no país um crescimento surpreendente. Hélgio Trindade, autor do livro "Integralismo — o Fascismo Brasileiro na Década de 30", apurou que, publicados entre 1932 e 1937, a AIB possuía 56 periódicos regionais. Na época de sua dissolução, estava implantada em todas as regiões do país. Em 36, estima-se que possuía três mil núcleos.

Os integralistas defendiam uma "concepção do universo e do homem", sintetizada no lema: "Deus, Pátria, Família", que desembocou na defesa do corporativismo, no nacionalismo exacerbado e na tentativa de automilitarização. Salgado,

com o tempo, demonstrou mais interesse por Mussolini e Hitler. Seus militantes ficaram conhecidos por "camisas verdes", uniforme oficial da AIB, e também por "galinhas verdes", assim chamados pela esquerda, alcunha que se tornou popular. O sigma, letra grega, era seu símbolo e a saudação (nos padrões nazistas) era Anauê —salve, em tupi.

Por sua atuação política e posições, os integralistas foram considerados representantes do fascismo tupiniquim. Na instalação da Constituinte de 34, o parlamentar socialista Zoroastro de Gouveia chamou de fascista o movimento. Neste ponto os pesquisadores divergem. José Chasin defende a tese de que não se pode fazer uma transposição mecânica integralismo-fascismo. Ele é autor do livro "O Integralismo de Plínio Salgado — forma de regressividade no capitalismo hipertardio".

Fascista ou não, o projeto integralista não tinha perspectivas de sucesso, sobretudo depois da derrota do eixo na 2ª Guerra. Cresceu nos seus seis anos de existência, mas sofreu também repulsa. A mais marcante delas foi em São Paulo, a 7 de outubro de 1934, conhecida como "A Batalha da Praça da Sé", quando uma frente das esquerdas enfrentou e desbaratou uma concentração sua. Durante quatro horas houve forte tiroteio. Saldo: 34 feridos e seis mortos. Para Eduardo Maffei, autor do livro "A Batalha da Praça da Sé", dez mil "camisas-verdes" foram postos em fuga pela união das forças democráticas. (Josué Canda)